

190				1
			808	



## ÍNDIAS PROSTITUÍDAS

# Força-tarefa combaterá a exploração sexual

CARLOS WAGNER

Está sendo articulada a formação de força-tarefa entre autoridades policiais, promotores e juizes para combater os aliciadores, gigolôs, cafetões e líderes indígenas acusados de organizar a prostituição de meninas caingangues. ZH denunciou o comércio sexual de índias numa série de reportagens publicada nas edições de domingo até ontem.

Os exploradores das garotas indígenas prostituídas cresceram e se organizaram nas cidades vizinhas às reservas beneficiados por um conflito de interesses entre as autoridades federais e estaduais. O caso mais sério é na Reserva Indígena da Guarita, uma área de 22 mil hectares, com 4 mil índios, nos municípios de Tenente Portela, Miraguaí e Redentora.

Na opinião do procurador da República Osmar Veronese, chegou a hora de o conflito acabar. Reuniões está sendo marcadas para acertar os detalhes da força-tarefa, que ainda não tem prazo

para começar a trabalhar.

A Polícia Federal (PF) de Santo Ângelo e a Polícia Civil de Portela e Redentora investigam a denúncia de que o cacique Valdir Joaquim da tribo dos índios caingangues da Reserva Guarita, em Tenente Portela, teria mandado prender em cárcere

privado 12 pessoas que considerou suspeitas de terem denunciado o seu envolvimento e dos seus líderes com a prostituição das indígenas.

A informação sobre as prisões foi trazida às autoridades por um amigo de um preso. O delegado federal Luiz Nestor Martins Confraeira, de Santo Ângelo, disse que, se comprovadas as prisões, o cacique será responsabilizado judicialmente.

O cacique Joaquim já esteve preso na PF de Santo Ângelo por dois meses por vender madeira ilegalmente. No começo da noite, um funcionário da Fundação Nacional do Índio (Funai), que pediu para não ser identificado, informou que os presos estavam em bom estado e que o cacique pretendia soltá-los logo. O cacique não foi localizado ontem.

**Polícia investiga caso de cárcere privado em reserva**